

# ANÁLISE ESTILÍSTICA DE ALGUNS POEMAS DE CECÍLIA MEIRELES (I)

*Alessandra Almeida da Rocha (CiFEFiL)*

## 1- INTRODUÇÃO

### 1.1 - OBJETIVO

Neste trabalho, procurei mergulhar fundo na obra de Cecília Meireles para compreender detalhadamente o lirismo em seus poemas. A obra de Cecília Meireles, desde a sua primeira leitura, deixou-me pensativa, pois abordam temas tão comuns ao meu íntimo e, creio, de toda a humanidade, tais como a morte, o amor, a fugacidade da vida, a efemeridade dos tempos.

A genialidade da poetisa em abordá-los, reflexivamente, sem aterrorizar-nos, tenta-nos, pelo contrário, acordar para uma realidade, suavemente, como é o ritmo de suas poesias, comprovado pelas palavras de Walmir Ayala: “(...) sente-se que o aprendizado da morte começou muito cedo para ela (...), uma visão muito dura e precoce em direção ao grande enigma(...)” (CM, PC, p. 13)

E nas palavras da própria Cecília Meireles, que alcançou seu objetivo ao ver sua obra reconhecida: “Acordar a criatura humana dessa espécie de sonambulismo em que tanto se deixam arrastar, mostrar-lhes a vida em profundidade, sem pretensão filosófica ou de salvação - mas por uma contemplação poética afetuosa e participante” (CM, LC, p. 6)

Dedico-me a investigar a sua expressividade, seu simbolismo, seus ritmos, através da análise estilística, profunda e carinhosa, assim como são os poemas da autora, compreendendo o fascínio de sua obra durante o tempo e as surpresas que aparecem a cada estudo feito.

Aos que lerem o trabalho, entendam o que foi feito e entendam a razão **de ser ela** um dos grandes destaques do Modernismo Brasileiro até os dias atuais.

## - CECÍLIA MEIRELES, A PASSAGEM DE UMA BORBOLETA VERSÁTIL

Cecília nasceu no Rio de Janeiro, em sete de novembro de 1901. Órfã de pai (morreu três meses antes do nascimento da filha), antes **dos** três anos de idade, perde também a sua mãe.

Resta-lhe a avó materna, moçambicana, que educa a menina, aprendendo desde então, sobre a morte, a vida, sua efemeridade e solidão, características que surgirão mais tarde em seus textos.

Toma gosto pela leitura e pela música desde criança.

Cecília segue o caminho de sua mãe, professora primária, em 1917, pelo Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Esse amor pelas crianças é traduzido nos livros *Olhinhos de Gato*, *Ou isto ou aquilo* e outras obras, assim como pelo seu empenho e dedicação para a implantação da primeira biblioteca infantil, em 1934.

Em 1919, publica sua primeira obra, *Espectros*, ainda com características simbolistas.

Já casada com Fernando Correia, que se suicida posteriormente, e mãe de três filhas, sua intensa produção não pára, produzindo crônicas sobre o ensino.

Sempre ativa, atuou inclusive no magistério, participando do movimento de 32 ao lado de Fernando Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Hermes Lima e outros que propunham mudanças no sistema educacional.

Possui poemas publicados nas revistas “Árvore Nova” (1922), “Terro do Sol” (1924) e “Festa” (1ª fase: 27 -28; 2ª fase: 34 -35).

A autora era ligada ao grupo espiritualista que defendia a Literatura Brasileira “na base do equilíbrio e do pensamento filosófico”, nas palavras de Darcy Damasceno, o que não implicava compromisso de ordem doutrinária, mas apenas “delineava a feição espiritual de sua arte, inspirada em elevado misticismo”, ainda segundo o estudioso.

Na primeira fase da poesia de Cecília Meireles, nota-se a influência da idéia Kantiana sobre a elevação dos valores individuais a categoria universal e percebe-se o isolamento do mundo, romanticamente, afastando-se a autora das “coisas mundanas”.

Entre 1930 e 1934, tempo que passou sem publicar poesias, dedicou-se à “Página da educação”, no “Diário de Notícias”, participando intensamente no processo de modernização da educação.

Em 1935, fica viúva e torna-se professora de Literatura Luso-Brasileira e de Técnica e Crítica Literárias da Universidade do Distrito Federal.

Seu livro *Viagem*, em 1938, recebe o prêmio da Academia Brasileira de Letras. Publicado no ano seguinte, sendo reconhecida como grande escritora nacional. Internacionalmente, apenas posteriormente.

Casa-se em 1940 com o professor Heitor Grillo. Neste ano, leciona cultura e Literatura Brasileira na Universidade do Texas. Sucedem-se viagens a países da Europa e América Latina divulgando a nossa cultura.

Em 1942, publica *Vaga Música*, que trata de temas como o mar associado aos sons musicais, que são os veículos da viagem e dos sonhos da poetisa.

Em *Mar Absoluto* é reiterada a importância do mar para a compreensão da obra da autora, pois o mar simboliza natureza e a sua fusão com o ser humano, tendo sido publicado em 1945. Em 1949, publicação de *Retrato Natural*, no qual a autora se descreve suavemente. *Doze Noturnos da Holanda* e *O Aeronauta* foram escritos na Holanda em 1952. *Romanceiro da Inconfidência*, conta o fato histórico da Inconfidência Mineira. A poetisa conceituou como “uma narrativa rimada”, sendo publicado em 1953. As outras obras da autora foram : *Canções e Girofê Giroflá*, em 1956; *Metal Rosicler*, em 1960; *Poemas escritos na Índia*, 1962; *Solombra*, 1963 e *Ou Isto ou Aquilo* em 1964.

No dia 9 de novembro de 1964 falece no Rio de Janeiro, tendo em 1965, a Academia Brasileira de Letras conferido à poetisa o Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra.

#### - ESCOLHA DA AUTORA E DOS POEMAS

A escolha de Cecília Meireles veio por afinidade. Há dois anos, quando tive que elaborar um ensaio estilístico para o curso de especialização, estava perdida e ansiosa com o tempo que passava e com o trabalho que deveria ser feito.

Li poesias de vários autores, mas ao ler *Motivo*, senti que era este poema, essa poetisa, que deveria estudar. Ele envolveu-me e tocou-me profundamente. Entretanto, angustiava-me a monografia. Resolvi continuar com a mesma autora, Cecília Meireles, tendo sido sugerido pela professora e orientadora Iza Quelhas a escolha de outras poesias para a ampliação do estudo.

O critério para escolha dos poemas foi o mesmo de *Motivo*, o qual se encontra no trabalho: que me envolvesse e pudesse propiciar uma leitura da obra direcionada pelos estudos estilísticos.

Após uma leitura exaustiva da obra, foram escolhidos os poemas: *Retrato*, *Epigrama n.2*, *Criança*, *Noções*, *Acontecimento*, *Herança* e *Assóvio*, que pertencem ao premiado livro *Viagem*, publicado em 1939, mostrando o seu amadurecimento e reconhecimento natural.

Neles vemos algumas características de Cecília: o lirismo; a consciência da efemeridade; o tempo das pessoas, das coisas; a solidão, a morte, a melancolia, a tristeza, preocupação com temas universais, reflexão filosófica e musicalidade.

Veremos a ligação entre cada um deles, que parece ter sido “costurado” pacientemente pela autora, ao final.

#### - ESTUDO DA OBRA NA ATUALIDADE

Ao pesquisar sobre a poetisa, li pesquisadores consagrados ao estudo da autora, tais como Leodegário **A. de Azevedo Filho** e, principalmente, Darcy Damasceno, apaixonado pela obra e profundo analista da poesia da autora.

Dois obras recentes chamaram a minha atenção. A primeira foi a dissertação de mestrado da professora Ruth Villela Cavaliere, que aborda o *Ser e o Tempo em Cecília*. O outro, o livro *A Farpa na lira: Cecília Meireles na revolução de 30*, mostrando outra face de Cecília, aquela que criticava e lutava ferozmente pelo ensino brasileiro e sua modificação. Deparei-me, então, com **seu lado político não suficientemente conhecido, o que** foi interessante e auxiliou-me na compreensão de outros aspectos de sua obra.

Creio que existem outras, além destas, obras atuais sobre a autora, pois por mais que se fale, sempre se **acham** fatos novos sobre a poetisa.

## 2 - ESTABELECIMENTO DO CORPUS

Após leitura dos principais livros de Cecília Meireles, resolvi selecionar um conjunto de poemas que pudesse ser significativo para a compreensão de sua obra. Desse modo, os poemas escolhidos foram publicados no livro *Viagem : Vaga Música*. (Coleção Poesis, editora Nova Fronteira, 1982). Este esclarecimento é feito para se conhecer de qual obra foram tirados os poemas em estudo, **sem fazer-lhes** nenhuma alteração.

Os poemas escolhidos remetem, cada um com sua especificidade ao tema da viagem, apesar de construções e abordagens diferentes, sugerindo uma trajetória espiritual repleta de diferentes matizes.

### - ANÁLISE ESTILÍSTICA E RECURSOS USADOS

Este estudo procura focalizar um determinado corpus da obra de Cecília, mesmo assim, esse estudo também pretende ampliar algumas questões. Então, faz - se necessário um pequeno esclarecimento sobre o campo estilístico utilizado.

Como a poesia cecilianiana explora muito os recursos da musicalidade, fez-se necessário compreender alguns aspectos da fonologia, destacando o uso das assonâncias, aliterações, rimas, cavalgamentos, cesuras e a sua significação em relação ao poema e à obra. Em alguns momentos nos detivemos no emprego de algumas classes de palavras, significativas na poesia ou em alguns aspectos da sintaxe, procurando estudar a significação de palavras ligadas aos seus aspectos expressivos, isto é, o seu léxico-semântico.

Notar-se-á que aspectos da estilística fônica, léxica, semântica foram privilegiadas por destacarem as construções características da obra cecilianha.

Figuras como a antítese, a metáfora, o hipérbato, a gradação, a anáfora, a epanadiplose e outras serão vistas e comentadas o seu aparecimento, mostrando os significados que nos podem sugerir. A pontuação também, em alguns momentos, será estudada.

### 3 - ANÁLISE DOS POEMAS

#### 3.1- “Motivo”

*Eu canto porque o instante existe  
e a minha vida está completa  
Não sou alegre nem sou triste:  
sou poeta*

*Irmão das coisas fugidias;  
não sinto gozo nem tormento.  
Atravesso noites e dias  
no vento.*

*Se desmorono ou edifício,  
se permaneço ou me desfaço,  
- não sei, não sei. Não sei se fico  
ou se passo*

*Sei que canto. E a canção é tudo.  
Tem sangue eterno a asa ritmada  
E um dia sei que estarei mudo:  
- Mais nada*

Logo que iniciamos a leitura do poema, notamos que é todo elaborado em primeira pessoa, trata-se do “eu” lírico, que se refere à subjetividade, ao íntimo, à descrição dos sentimentos. Observemos este exemplo.

*Eu canto porque o instante existe  
E a minha vida está completa*

Notamos também a presença de vários predicativos do sujeito, referindo-se à subjetividade do “eu” lírico. Exemplificando:

*Não sou alegre nem sou triste:  
Sou poeta.*

No poema, como um todo, percebemos logo de início algumas das principais características da poesia de Cecília Meireles, tais como leveza e a delicadeza com que tematiza a passagem do tempo, a transitoriedade da vida e a fugacidade dos objetos, que parecem intocáveis em seus poemas, com uma linguagem altamente feminina, intuitiva e sensorial, decorrendo assim, um certo tom melancólico dos mesmos.

Exemplo:

*Irmão de coisas fugidias  
Atravesso noites e dias no vento*

Alfredo Bossi, em seu livro *História Concisa da Literatura Brasileira*, define: “Com Cecília Meireles a vertente intimista, (...), afina-se ao extremo e toca os limites da música abstrata”. (AB, p. 515)

É importante ressaltar que, por ter estudado música, seus poemas tematizam a musicalidade como uma importante característica. Exemplos:

*Sei que canto. E a canção é tudo.  
Tem sangue eterno a asa ritmada*

No último terceto do soneto, primeiro verso, há aliteração da oclusiva /k/, o que sugere o ritmo da batida do coração, quando eterniza a música, a canção, enquanto a assonância da vogal /a/ sugere um sentimento de alegria do “eu” lírico.

Na primeira estrofe, o “eu” lírico dá importância ao tempo presente, à criação do seu poema. Afirma que o poeta declara os sentimentos para as pessoas, mas o poeta é imparcial.

No terceiro verso desta estrofe há uma antítese entre “alegre” X “triste”. Entretanto, ao colocar as palavras “não” e “nem”, o “eu” lírico dá um tom de indiferença, mas a melancolia persiste com o uso das consoantes semi-abertas /o/, /e/ e as vogais fechadas /u/ e /i/.

O “eu” lírico se contenta em ser apenas poeta, como afirma no quarto verso deste quarteto, apesar de a sua existência ser triste.

Outra ocorrência importante e recorrente na obra de Cecília é o uso dos verbos “existir” e “ser”, que sugerindo o tom existencialista de Cecília Meireles.

Na segunda estrofe, chama a atenção ao valor que se dá às coisas passageiras, para que não nos prendamos a elas, pois passam como o vento.

Deve -se agir como o poeta, que é livre, como o vento. Logo, não sente “gozo” nem “tormento”.

Em seu primeiro verso há assonância dos fonemas /a/, /i/, /o/ e a presença do fonema /s/, ocorrendo uma aliteração, que lembra a passagem do tempo, de forma rápida, com um vento, como diz o “eu” lírico.

Na terceira estrofe, percebemos um conflito interior, uma dúvida do “eu” lírico, que não sabe qual decisão tomar: a de parar ou a de continuar. A dúvida com relação a sua existência permanece na repetição da expressão “Não sei”. Ocorre uma antítese entre as formas verbais “fico” (terceiro verso) e “passo” (quarto verso), pois a transitoriedade da vida mais uma vez é questionada. As formas “fico” (terceiro verso) e “edifico” (primeiro verso) estão rimando e nós podemos pensar que, enquanto vivemos, edificamos algo na terra, de ordem espiritual ou material, mas quando “passamos”, tudo se desfaz, como observamos na rima que acontece no segundo e no quarto versos.

Na quarta estrofe, o “eu” lírico reafirma a importância dada ao presente, ao tempo do “agora”, iniciado na primeira estrofe, pois o poeta continua a cantar e diz que a canção é tudo, assim como o poema, porque são eternizados com o passar do tempo, assim como o vôo ritmado das asas dos pássaros, enquanto que ele e nós somos finitos - um dia, ficaremos mudos e não seremos mais nada. A música, que muitos consideram desnecessária, será e é eterna, como o espírito.

Esse poema é todo elaborado em antíteses, o que se pode observar em: “alegre” # “triste”; “noite” # “dia”; “desmorono” # “edifico”; “permanece” # “defaço”; “fico” # “passo”.

Percebemos, então, que o poema é uma metáfora que representa a fugacidade da vida e como as pessoas a deixam passar, sem dar o real valor ao que realmente importa, também notamos a existência de um eufemismo nos terceiro e quarto versos da última estrofe, pois se evita a palavra morte, substituindo-a por uma expressão menos desagradável.

Vejamos:

*E um dia sei que estarei mudo:  
- Mais nada.*

Notamos também no interior de alguns versos, uma pausa interna, denominada cesura, na qual o “eu” lírico faz uma reflexão sobre o que vai tratar poeticamente.

Exemplos:

*Eu canto / porque o instante existe  
Não sou alegre / nem sou triste*

*Não sei, / Não sei./Não sei se fico.  
Ou passo.  
Sei que canto / E a canção é tudo.  
Tem sangue eterno / a asa ritmada.*

No segundo verso da quarta estrofe, aparece o hipérbato, que resulta da inversão na ordem natural das palavras relacionadas entre si, realçando a eternidade do espírito.

Analisemos:

*Tem sangue eterno a asa ritmada*

Nas últimas estrofes podemos dizer que ocorre a gradação, ou seja, o encadeamento gradual dos termos relativos a uma idéia, que intensifica a dúvida do “eu” lírico sobre uma decisão a ser tomada.

Vejamos:

*Se desmorono ou se edifico,  
se permaneço ou me desfaço  
- não sei, não sei. Não sei se fico  
ou passo.*

No poema de Cecília Meireles notamos a presença de uma certa feição do clássico no Modernismo, principalmente no que se refere às rimas, no caso do poema todo composto de rimas alternadas.

Na primeira estrofe, há a rima do primeiro e terceiro versos e do segundo e do quarto versos. Na segunda estrofe ocorre o mesmo esquema: primeiro e terceiro versos e segundo e quarto versos. Na terceira estrofe: primeiro e terceiro versos. Na quarta estrofe: primeiro e terceiro versos e do segundo e quarto versos.

Observamos, também, a existência da rima rica, ou seja, rimas entre palavras de classes gramaticais diferentes, na primeira estrofe, o primeiro e terceiro versos e segundo e quarto versos. Também, na segunda estrofe, o primeiro e terceiro versos. No restante do poema, constata-se a presença da rima pobre, isto é, rimas com palavras de classes gramaticais semelhantes. A herança simbolista da poeta é reconhecida por essas métricas.

Notamos a existência do encavalgamento em duas partes do poema, ou seja, o sentido de um verso é interrompido no final do mesmo e vai completar-se no próximo:

*Não sou poeta nem sou triste:  
Sou poeta.*



*Atravesso noites e dias  
no vento.*

*Se permaneço ou me desfaço  
- Não sei, não sei. Não sei se fico  
ou passo.*

*E um dia sei que estarei mudo:  
- mais nada.*

Ocorre a crase, ou seja, a fusão de sons semelhantes em:

*Eu canto porque o instante existe*

*Se desmorono ou se edifico,  
se permaneço ou me desfaço*

*Tem sangue eterno a asa ritmada.  
E uma dia sei que estarei mudo:*

Existe a presença da sinalefa e do hiato, que é denominado “o encontro de dois elementos vocálicos semelhantes cuja pronúncia obriga a manutenção da abertura da boca, podendo ocorrer entre duas palavras, enunciados sem pausa ou no interior da mesma palavra”, nestes versos: (GC, PDAP)

*Eu canto porque o instante existe  
E a minha vida está completa  
Não sou alegre nem sou triste:  
Sou poeta.*

*Sei que canto. E a canção é tudo.  
Tem sangue eterno a asa ritmada.  
E um dia estarei mudo:  
- mais nada.*

O uso dessas figuras denominadas cavalgamento, sinalefa, hiato e crase contribuem para a prorrogação da reflexão na primeira figura citada e a efemeridade da vida, nas duas posteriores.

Ocorre a sinérese, fusão, numa só, de duas vogais próximas pertencentes a sílabas distintas na primeira estrofe do quarto verso, ou seja, a passagem de um hiato a ditongo e também na quarta estrofe, no terceiro verso.

O poema Motivo é riquíssimo de significações e através da detecção dos fatos estilísticos vemos como a poetisa os utiliza com tanta propriedade, criando o seu estilo, que o torna único.

O título Motivo pode significar uma esperança que o “eu” lírico sente para poder continuar vivendo, apesar de conscientemente saber que ela, a vida, é uma passagem para um outro plano desconhecido.

### 3.2 - “Retrato”

*Eu não tinha este rosto de hoje,  
assim calmo, assim triste, assim magro,  
nem estes olhos tão vazios,  
nem o lábio amargo*

*Eu não tinha estas mãos sem força,  
tão paradas e frias e mortas;  
eu não tinha este coração  
que nem se mostra.*

*Eu não dei por esta mudança,  
tão simples, tão certa, tão fácil:  
- em que espelho ficou perdida  
a minha face?*

No início da leitura do poema “Retrato”, notamos também a presença da primeira pessoa, o “eu” lírico descrevendo o seu próprio rosto, esse rosto que ele não mais reconhece como sendo o seu, como nesse primeiro verso: Eu não tinha esse rosto de hoje, a idéia é intensificada pelo advérbio de negação e pelo pronome demonstrativo, que sugere a passagem de tempo, a transitoriedade da vida; e a melancolia do “eu” lírico ao fazer esta constatação, continuando no segundo verso, no qual há a repetição da palavra “assim”, que indica uma mudança ocorrida tanto no íntimo, na personalidade, como em assim calmo, assim triste, quanto fisicamente, “assim magro”.

O uso seguido da palavra “assim” dá um ritmo lento a esse verso, como se a sugerida passagem fosse tranqüila e quase imperceptível para o “eu” lírico.

Na terceira estrofe a constatação continua na percepção dos olhos tão vazios, devido aos sofrimentos e experiências vividos e o lábio amargo, no quarto verso dá continuidade a essa idéia. Ocorre uma anáfora, nome dado à figura que resulta quando se repete a mesma palavra ou frase no começo de vários versos, da palavra “nem” no início do terceiro e quarto versos desta primeira estrofe, na qual o “eu” lírico continua reiterando a sua negação da percepção de suas mudanças.

No primeiro verso da segunda estrofe, o “eu” lírico observa a mudança ocorrida, nas suas mãos, partes significativas e simbólicas do corpo e que simbolizam força e luta pela vida, no poema, esse hoje é sem força e já não se luta mais como nos tempos remotos, passados. O “eu” lírico continua descrevendo-as no segundo verso como tão paradas e frias e mortas, destacando-se o tom melancólico. Novamente, nesse verso a repetição da conjunção “e” imprime lentidão ao ritmo do verso e sugere a passagem da vida para morte.

Ainda nesta estrofe, no terceiro verso, o eu lírico descreve seu coração, metáfora para os seus sentimentos, que, antes, eram mostrados, expostos e atualmente estão retraídos, escondidos, como é dito no quarto verso.

Ocorre na segunda estrofe uma anáfora, com a expressão “eu não tinha” que introduz o poema. É o “eu” lírico reafirmando a não percepção dessa passagem de tempo, o que provoca um sentimento de perplexidade.

Na terceira estrofe, no primeiro verso, o “eu” lírico percebe e assume que mudou fisicamente e interiormente e que isto foi tão simples, tão certa, tão fácil, como se lê no segundo verso. Mais uma vez, o poeta fala-nos da transitoriedade da vida, dessa “passagem” para outro lugar, passagem esta que é universal, pois acontecerá com todos nós, sem saber quando, nem onde, e, mesmo assim, ficamos surpresos com isto. Há a repetição da palavra “tão” mostrando a certeza da evolução e o ritmo torna-se acelerado como a passagem da vida.

No penúltimo e último versos da última estrofe há um questionamento “eu” lírico, que fica desejoso em saber em que momento ele perdeu a sua vitalidade. O poeta fala isso no poema metaforicamente: “espelho” seria o lugar, o momento; “face” seria a vida, a juventude.

Cecília Meireles, magnífica e liricamente, aborda o tema da passagem da vida e da sua transitoriedade de maneira filosófica, universal e simples, influências estas recebidas do grupo espiritualista ao qual pertenceu, o que aparece em toda a sua obra.

Sobre essa transitoriedade e fugacidade do tempo, Darcy Damasceno, em Poesia do Sensível e do Imaginário, afirma: “Contínuo latejar, a consciência da fugacidade não apenas se torna a mola mestra do lirismo,

como, por ansioso esforço de apreensão do fugidío, busca no concreto as amarras dos fios imaginativos”. (p. 37)

Observamos neste poema a gradação que ocorre nestes versos:

*assim calmo, assim triste, assim magro  
tão paradas e frias e mortas  
tão simples, tão certa, tão fácil*

Essas gradações sugerem a evolução, a passagem de tempo do poema.

Em dois momentos ocorre o cavalgamento:

*eu não tinha este coração  
que nem se mostra.  
- Em que espelho ficou perdida  
a minha face?*

Ocorre a sugestão ou a impressão de que o “eu” lírico fez uma pausa no seu pensamento ao constatar todas as mudanças ocorridas.

Ocorrem cesuras nos seguintes exemplos:

*Eu não tinha / este rosto de hoje  
Eu não tinha / estas mãos sem força  
eu não tinha / este coração  
Eu não dei / por esta mudança*

Este recurso nos sugere a conscientização do “eu” lírico, da sua mudança lenta e gradual.

É interessante ressaltar que o poeta faz um jogo com as palavras “magro” (o segundo verso, primeira estrofe) e “amargo” (quarto verso, primeira estrofe). As letras da primeira aparecem inseridas e na segunda, como se o final da existência estivesse por pouco tempo e isso o deixa amargurado. Isto ocorre novamente em “mortas” (segundo verso, segunda estrofe) e “mostra” (quarto verso, segunda estrofe), significando que a morte sempre se mostra em nossa vida.

O poeta segue a estrutura de três estrofes e cada uma delas é composta por quatro versos, resquícios da influência simbolista e sua forma tradicional, nunca abandonadas por Cecília.

Ela utiliza principalmente de assonâncias de /e/ e /o/:

*Eu não tinha este rosto de hoje*

*nem estes olhos tão vazios*

Dando-nos um sentimento e uma idéia de melancolia permanente. Usa também de aliteração de /r/ em:

*tão paradas e frias e mortas*

Nesses versos indica-se o grande obstáculo que é a morte. Nota-se a musicalidade presente, fato característico no poema.

Também notamos as impressões sensoriais sugeridas no poema., principalmente a imagem visual que surge com o uso das palavras “rosto”, “calmo”, “triste”, “magro”, “olhos”, “lábio”, “mãos”, “espelho”, “face” e a imagem do paladar e do tato em “amargo”, “força”, “parada”, “fria”, “morta”, sugerindo que o corpo demonstra toda sua tristeza, toda a sua “passagem” desta vida para o desconhecido.

O título Retrato se encaixa perfeitamente ao poema porque a palavra simboliza algo estático, parado, eternizado e o “eu” lírico ansiava se eternizar, porém o tempo não permitiu e, por isso, ao final do poema se indaga em que momento de sua vida a sua juventude foi eternizada pela imobilidade, como acontece nos álbuns de família.

### 3.3 - “Epigrama Nº 2”

*És precária e veloz, Felicidade.  
Custas a vir, e, quando vens, não te demoras.  
Foste tu que ensinastes aos homens que havia tempo,  
e, para te medir, se inventaram as horas.*

*Felicidade, és coisa estranha e dolorosa.  
Fizeste para sempre a vida ficar triste:  
porque um dia se vê que as horas todas passam,  
e um tempo, despovoado e profundo, persiste.*

O poema é iniciado por um predicativo do sujeito que vem antecedendo a palavra “felicidade”, ao fazer uma afirmação sobre a mesma. É narrado em segunda pessoa:

*És precária e veloz, Felicidade.*

A palavra “felicidade”, neste verso funciona como um vocativo, pois é personificada. Assim, ela passa a ter vida e a ser tratada como uma pessoa que convive entre nós. O **predicativo, citado**, já nos sugere a transitoriedade e a fugacidade da felicidade, como vemos em:

*És precária e veloz, Felicidade.*

No segundo verso desta primeira estrofe, o “eu” lírico parece conversar com a “Felicidade”, mostrando que é difícil prendê-la, pois a sua passagem é rápida, quase não se percebe a sua existência.

No terceiro **verso, há uma** inversão “Foste tu”, sugerindo que o “eu” lírico culpe a “Felicidade” por fazer com que os homens acreditem na existência do tempo, que viviam melhor antes desta noção.

A atribuição da culpa continua na quarta estrofe, **pois se afirma que** a Felicidade ensinara aos homens a invenção das horas para medir o tempo, para marcar o momento de felicidade que eles têm em suas vidas, visto que ela (a felicidade) é extremamente passageira. A respeito disto, a própria Cecília Meireles define a felicidade: “Os dias felizes estão entre as árvores, como os pássaros” (CM, LC, p. 15)

Para ela, esse sentimento é mutante, fugaz, como foi observado no poema, até então.

A personificação da “felicidade” continua a ser usada, pois esse vocativo surge novamente nesse primeiro verso, **da** segunda estrofe, seguido do predicativo do sujeito “és coisa estranha e dolorosa”. Notamos uma percepção do “eu” lírico sobre a “felicidade”, ou seja, quanta dor ela é capaz de deixar. Há uma antítese entra as palavras “felicidade” X “dor”, indicando o contraste que existe. Achamos que quem é feliz não sofre e essa idéia é desconstruída, pois é através da dor, **do sofrimento**, que alcançamos a felicidade.

No segundo verso da segunda estrofe, o “eu” lírico categoricamente afirma que a vida sempre será triste porque os homens buscam uma coisa que dura pouquíssimo tempo, que existe em apenas alguns momentos, como é observado no terceiro verso, que diz:

*porque um dia se vê que as horas passam*

A palavra “horas” é uma metáfora e significa tudo, ou seja, felicidade, vida, objetos e que acabarão sem deixar marcas de sua presença.

No último verso desta última estrofe, há continuidade do verso anterior, como se fosse finalizada a sua conversa, pois apenas o tempo continu-

ará a existir, porém sem ninguém, acima de nações e povos, persistirá e existirá durante as gerações e os milênios.

O tema abordado é do da fugacidade da felicidade, de sua meteórica passagem na vida de cada ser humano, que também é muito breve. Existe uma ligação entre a fragilidade da vida e da felicidade, pois nós vivemos buscando a felicidade, deixamos que passe em pequenos momentos do nosso dia-a-dia, enquanto o tempo, imperdoável, age silenciosamente.

Ocorrem rimas alternadas entre as palavras “demoras” (segundo verso, primeira estrofe) e “horas” (quarto verso, primeira estrofe), sugerindo a passagem rápida das horas. Também, entre “triste” (segundo verso, segunda estrofe) e “persiste” (quarto verso, segunda estrofe), pois a tristeza por essa existência da felicidade persiste, percebendo-se a melancolia que existe nessa árdua procura.

O recurso do cavalgamento é usado em:

*Foste tu que ensinaste aos homens que havia tempo,  
e, para te medir, se inventaram as horas.  
Fizeste para sempre a vida ficar triste:  
porque um dia se vê que as horas todas passam,  
e um tempo, despovoado e profundo, persiste.*

Tais versos nos sugerem que o diálogo entre a “felicidade” e o “eu” lírico é tranqüilo, sem perturbações.

Para demonstrar a passagem veloz “dessa tal felicidade”, o poeta usa palavras que imprimem um ritmo acelerado, tais como: “veloz”, “horas”, “passam”, “tempo”.

Existe a presença de sinalefa e hiato nestes versos:

*És precária e veloz, Felicidade  
Foste tu que ensinaste aos homens que havia tempo  
e, para te medir se inventaram as horas.  
Felicidade, és coisa estranha e dolorosa.  
Fizeste para sempre a vida ficar triste:  
porque um dia se vê que as horas todas passam,  
e um tempo, despovoado e profundo, persiste.*

Esses versos mostram-nos a fluidez do discurso do “eu” lírico. A presença da cesura indica-nos uma pequena pausa do “eu” lírico em seu pensar. Observemos estes versos:

*Foste tu / que ensinaste aos homens que havia tempo,*

*porque junto um dia se vê / que as horas todas passam.*

O poema é composto por dois quartetos, uma das formas tradicionais, herança dos simbolistas, bastante utilizada na obra de Cecília.

Neste poema há o uso das assonâncias em /a/, /i/,/o/,/e/, indicando a tristeza, dor e melancolia do “eu” lírico, vejamos estes exemplos:

*Felicidade, és coisa estranha e dolorosa  
e um tempo, despovoado e profundo, persiste.*

As aliterações em /s/ e /r/ **nos lembram tanto a velocidade, quanto** os obstáculos, como nos versos abaixo:

*porque um dia o se vê que as horas todas passam  
e, para te medir, se inventaram as horas.*

A imagem visual é sugerida no poema pelas palavras “horas”, “tempo”, “passam”, dizendo-nos que vemos a vida correr.

O título *Epigrama*, que significa poesia breve e satírica, representa esse diálogo que gostaríamos de travar com a felicidade e que Cecília consegue, em um tom irônico bem suave, na qual ela satiriza a felicidade e nossa insana procura, deixando-a escapar em quase todos os momentos de nossa existência.